

A escrita e o arquivo: apresentando *Papéis da prisão*, de Luandino Vieira

Lisa Vasconcellos¹

No sábado à tarde, à porta deparou-me uma pergunta que deu origem ao seguinte diálogo:

-- És comunista? (assim, sem mais nem menos...)

-- Não!

-- Democrata?

-- Não?

-- Então? Liberal?

-- Não!

-- ...

-- Sou escritor.

Reação imediata e resposta rápida.

-- Não tens vergonha!

(VIEIRA, 2015, p.161)

Entre os anos 1960 e 1970, o poeta e escritor luso-africano Luandino Vieira percorreu uma traumática, mas não inusual trajetória, considerando o contexto autoritário dentro do qual a intelectualidade africana se encontrava na época. Aprisionado pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE) em Lisboa e condenado a 14 anos de prisão por crimes contra o estado, ele passou pouco mais de uma década tendo por morada inúmeras prisões no continente africano. Nelas, escreveu grande parte de seus livros e da última e pior de todas - o *Campo de Trabalho do Chão Bom*, também conhecido pelo nome de *Tarrafal*, o “campo da morte lenta” – viu ser premiado seu primeiro sucesso, *Luuanda* (1963)².

Durante parte desses anos, o autor manteve um diário no qual registrou notas pessoais e recolheu documentos vários que lhe vinham ter às mãos. Ao todo, preencheu 17 cadernos³ contendo, entre outros materiais, apontamentos, correspondência, desenhos e recortes de jornal. É essa escrita múltipla que saiu em 2015 publicada sob o nome de *Papéis da prisão, apontamentos, diário, correspondência* (1962-1971). O livro, organizado por Margarida Calafate Ribeiro, Mónica Silva e Roberto Vecchi, se dá a ler como um jornal íntimo, mas inclui

¹ Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo. Orcid: [0000-0001-9912-5644](https://orcid.org/0000-0001-9912-5644). E-mail: lisavasconcellos@gmail.com.

² A história da publicação e premiação desse livro merece um aparte. Escrito na prisão e contrabandeado pela esposa de Luandino para Lisboa, o volume saiu inicialmente pelas Edições 70, em 1963. Em 1965, foi agraciado pela Sociedade Portuguesa de Escritores (SPE) com o *Grande prémio de novelística*. Em represália, o governo salazarista não só prendeu todo o júri responsável pela premiação, mas também perseguiu os veículos jornalísticos os repórteres que fizeram a cobertura do evento.

³ Uma rápida explicação se faz aqui necessária. Ao numerar esses cadernos, Luandino Vieira cometeu um pequeno lapso: do número 7 pulou diretamente para o 9, tendo se esquecido do 8. O texto não perde em continuidade ou conteúdo por conta disso, o problema se refere somente à numeração dos tomos. A equipe editorial, em respeito aos originais, manteve o elenco na edição impressa. O resultado é que, ao final, temos um total de 17 cadernos, mas o último sai com o número 18 estampado na capa.

uma enorme variedade de materiais que se estendem por diferentes gêneros, tipos de artes e línguas nacionais. Assim, em meio as descrições do dia-a-dia do poeta, encontramos rascunhos de futuros contos, cópias de cartas enviadas e recebidas, poemas anotados sob inspiração súbita e anedotas ouvidas dos companheiros. Muitas vezes o material escrito vem acompanhado por ilustrações, colagens e até notação musical. A variedade de línguas também impressiona, para além do português, o autor usa o francês, o inglês, o quimbundo e o crioulo cabo verdiano. O resultado é uma obra grandiosa, não só por seu considerável tamanho de 1086 páginas, mas principalmente por seu caráter plural e multifacetado.

O caráter testemunhal da obra é inseparável de seu aspecto arquivístico. Para o autor, registrar para a posteridade os muito malfeitos sofridos e testemunhados durante a prisão fazia parte de sua própria militância. É como parte de um movimento de resistência maior que ele se esmera em anotar e registrar tudo que acontece talvez com esperança que seus cadernos, no futuro, sirvam como documento de uma história pouco contada. Os cadernos então se prestam a recolher os casos, contar as violências e, em um limite, guardar os nomes dos muitos mortos que encontra pelo caminho. A esposa, Ermelinda da Graça, é a grande interlocutora de Luandino nessa escrita. E, como certa frequência, o autor se dirige diretamente a ela, como se os diários nada mais fossem que uma grande carta trocada entre amantes.

De toda essa experiência, fica um único grande lapso. Durante o diário, Luandino não menciona a própria prisão, que se deu em Lisboa, nem o período passado na cadeia do Aljube, na época controlada pela PIDE, a polícia política do estado conhecida por suas práticas de repressão e violência contra militantes. O incidente é aludido de forma elíptica em algumas passagens do livro (VIEIRA, 2015, p. 785), dando a entender que esse é um período particularmente traumático que o autor não quis ou não foi capaz de rememorar por meio da escrita.

O que o presente texto tenta fazer é traçar alguns caminhos que possam servir a uma leitura inicial dos *Papéis da Prisão*. Para isso, adotamos duas estratégias: primeiramente proporemos uma divisão do material em partes que facilitarão a movimentação do leitor dentro da obra; em seguida, procuraremos traçar alguns objetivos e linhas maiores que perpassam o trabalho como um todo e que servirão de ligação entre as muitas vivências de Luandino. As obras de Phillippe Lejeune *O pacto autobiográfico* (2014) e de Jacques Derrida, *Mal de arquivo*, (2001) serão nossas principais interlocutoras.

Papéis da prisão dá testemunho de nove anos de experiência em quatro instituições prisionais diferentes, a saber, o pavilhão prisional da PIDE (Luanda, Angola), a cadeia do

comando da PSP (Luanda, Angola), a cadeia comarcã de Luanda (Angola), o campo de trabalho do Chão Bom (Tarrafal, Cabo Verde). As idas e vindas entre essas diferentes instituições dão o tom de boa parte do livro. É a partir delas que nos guiaremos para estabelecer três partes mais ou menos orgânicas que se destacam no livro, tanto por tema quanto estilo.

A primeira parte corresponde então a estadia nas cadeias de Angola, período que durou cerca de dois anos – de outubro de 1962 a julho de 1964. O livro começa com a primeira entrada e termina com o anúncio da partida do autor para o Tarrafal. Esse intervalo de tempo cobre os nove primeiros cadernos⁴ de anotações e praticamente metade das páginas da edição impressa.

Esse é um período agitado pelas idas e vindas dos muitos presos comuns com quem o autor convive e pelas constantes visitas de parentes e amigos que trazem notícias do mundo externo. Luandino acompanha essa movimentação com cuidados de arquivista: registra os casos que ouve, as canções que escuta no rádio, transcreve os bilhetes e poemas que recebe dos companheiros de ala, copia relatórios, rascunha contos e desenha mapas das poucas paisagens nas quais deita os olhos. Nem a correspondência trocada entre os outros detentos, facultada por um sistema de correio clandestino no qual muitos dos presos tomavam parte, escapa ao seu escrutínio. No diário, Luandino se encarrega de copiar todos os bilhetes que passam por suas mãos, quer eles sejam ou não dirigidos a si mesmo. A certa altura chega a registrar a correspondência inteira de um casal que se encontrava preso em celas separadas e que insistia em trocar cartas de amor.

Lembremos que a atitude não é inusual entre intelectuais e que também Graciliano Ramos, em *Memórias do cárcere*, valorizava a convivência com os presos não-políticos. Esses homens encarcerados pelas mais diferentes razões, alimentaram a curiosidade e, mais tarde, a literatura de ambos os escritores com suas muitas histórias, vivências e peculiaridades. Luandino, em especial, usará esse conhecimento em escritos como “A estória do ladrão e do papagaio” (*Luuanda*, 1963) e *João Vêncio: os seus amores* (1980).

A segunda parte do livro corresponde aos três anos seguintes e se identifica ao período inicial passado na prisão de Tarrafal, em Cabo Verde. Na edição impressa, ela tem início com uma longa entrada que cobre duas semanas – 31/07/64 a 13/08/64 – dando conta da travessia de barco até a ilha e termina no registro de 12/01/1967. Dessa segunda fase, fazem parte os

⁴ As datas exatas são 10 de outubro de 1962 a 31 de julho de 1964. Por conta do lapso que mencionamos anteriormente, esse intervalo corresponde aos cadernos 1,2,3,4,5,6,7,9,10. O de número 8 simplesmente não existe.

cadernos 11, 12, 13 e 14, nos quais vemos retratada a adaptação a uma realidade prisional nova e desconhecida, que era a do campo de concentração de Tarrafal.

Localizada há mais de mil quilómetros da costa africana, a instituição era famosa pelo seu isolamento e pelo terrível regime que impunha aos presos ali abrigados. Nesse lugar, Luandino passa a viver em um pavilhão comum junto com outros presos angolanos, em uma situação que sente claramente como exílio. Se antes, a sua escrita era movimentada por aquilo que acontecia ao redor, agora ela tem de se contentar com a monotonia e a solidude de uma situação de exceção. O diário fica então povoado das memórias da infância, das saudades de Angola, de sonhos e de fantasias protagonizados pela esposa e pelo filho pequeno do autor.

Esses anos serão um importante período no processo de aprofundamento das relações entre o autor e seu país de adoção, Angola. A convivência concentrada com compatriotas⁵ e o isolamento do exterior, dado que visitas são praticamente inexistentes, contribuirão para que o passado seja eleito como lugar privilegiado de consolo e escape. Com ajuda dos companheiros, Luandino recuperará no diário poemas, canções populares, histórias provindas da narrativa popular, termos e vocabulário em quimbundo, que serão todos diligentemente anotados e inspirarão mais tarde sua escrita.

A terceira parte do livro começa no início de 1967, e dura os quatro anos seguintes, indo até o final da publicação. Fixamos a data de 14/01/67, que abre o 15º caderno como marco para essa nova fase na vida e do diário de Luandino. O ano que se segue, o de 1967, é um dos mais duros de todo o período prisional e marca mudanças importantes tanto na vida e quanto na escrita de Luandino. Na ocasião, as dificuldades para se corresponder com o continente se tornam tão agudas que o autor simplesmente decide abrir mão da troca de cartas com a esposa. O período é então de grande isolamento, e a literatura passa a ser um dos poucos consolos para a solitária vida que leva o autor.

Nessa época, o Campo de Trabalho do Chão Bom recebe uma doação de livros da Fundação Calouste Goulbenkian e com ela é formado um pequeno acervo à disposição dos presos. Luandino se torna o bibliotecário responsável por esse material, função que agrega a de professor, que até então já vinha exercendo. O diário dá notícia das muitas leituras e serve como espaço de discussão para as questões de fundo histórico, literário, e sobretudo linguístico que passarão a interessar Luandino. Muito do que o autor incorporou em sua literatura como técnica

⁵ O campo é dividido por nacionalidades, alocadas em diferentes pavilhões. Os presos se revezam nas áreas comuns de modo a nunca encontrarem membros de grupos diferentes do seu. A área ocupada pelos angolanos é bastante pequena, de modo que as camas praticamente se encostam umas nas outras e abrigará uma média de 18 ocupantes durante a estadia de Luandino no local.

e pensamento parece ter sido elaborado nesse momento. Em termos estilísticos, essa parte do diário também é bastante distinta das outras: na primeira, tínhamos gigantescas entradas com histórias e temas que iam e vinham ao sabor das circunstâncias; na segunda, cada entrada diária se dividia em registros menores, alguns bastante lacônicos, nos quais o autor dava conta do seu estado de espírito no momento; nos anos finais de encarceramento, temos pela primeira vez entradas longas e digressivas, nas quais o autor se permite elaborar e aprofundar problemas não só pessoais como teóricos.

Sabemos que esse momento final é de grande intensidade criativa e livros importantes. A produção de Luandino se remete a eles⁶. Mas, ao contrário do que acontecia nos primeiros anos de prisão, quando os cadernos abrigavam os rascunhos e ideias iniciais do autor, constata-se aqui uma ruptura importante: enquanto o diário continua a se desenrolar enquanto tal, acompanhando o dia-a-dia e os devaneios do seu autor, a escrita ficcional parece ter ganho sua independência e achado guarida em outros suportes. Tanto é assim que em 6 de julho de 1971, meses antes de ser libertado sob regime condicional, Luandino decide abandonar o primeiro pela segunda, declarando: “*E o diário acaba aqui. Continúa-lo-ei? Não sei. Parece-me que tomarei daqui em diante só nota do que for material literário. E me vou deixar de intimidades*” (VIEIRA, 2015, p. 980).

Phillipe Lejeune, em *O pacto autobiográfico*, explica-nos que a escrita diarística obedece a cinco principais objetivos. A primeira função de um diário seria desabafar: o diarista se aproveitaria aqui da possibilidade que a escrita lhe dá de se desembaraçar dos próprios sentimentos e emoções confiando-os ao papel. A segunda seria se comunicar: é o que acontece quando se escreve com o objetivo de transmitir experiências e vivências a um outro de confiança (amigo, cônjuge, namorado) a quem o diário se dirige. A terceira função seria refletir: lembrando que a escrita diarística, ao criar um espaço simbólico afastado das pressões diárias, permite ao autor ponderar e analisar suas ações com calma. A quarta seria fixar o tempo: registrar as próprias memórias criando para si mesmo um arquivo de relatos, reflexões ou apontamentos pessoais. Finalmente, e essa é a quinta e última função elencada por Lejeune, um diário pode ser elaborado pelo simples prazer da escrita, pela satisfação que é dar forma e registro ao que se vive por meio da palavra (LEJEUNE, 2014, p. 320).

Ocorre-nos que o diário escrito por Luandino obedece a algumas funções levantadas por Lejeune, duas principais se sobressaem. Na primeira parte do diário o objetivo que se destaca é

⁶ São desse período as coletâneas *Velhas estórias*, *Nós, os do Makulusu*, *No antigamente na vida* e o romance *João Vêncio*.

o de *documentação*, e aqui não estamos falando simplesmente da necessidade pessoal de registrar o próprio dia a dia ou o de criar um suporte de memória para si mesmo, como fazem tantos diaristas. Os cadernos tinham de fato o papel de documentar as violências e tiranias que ocorriam dentro da cadeia. Enquanto escritor perseguido por um regime de exceção, Luandino entende bem o valor testemunhal das escritas. De sua cela nas cadeias da cidade, Luandino observava os outros presos, aprendia seus nomes, ouvia seus gritos durante os interrogatórios e registrava tudo no caderno. Não se sabe bem qual destino pretendia dar a ele, mas na falta de melhores provas, os registros diarísticos poderiam no futuro servir como evidência em cortes internacionais, poderiam trazer publicidade para crimes esquecidos e até indicar o paradeiro de pessoas desaparecidas. Nos tempos de Luanda - quando todo o material produzido pelo autor era contrabandeado para fora da cadeia pela sua esposa, Ermelinda da Graça - ela mesma se encarregava de dar destino certo às denúncias que lhe vinham ter a mão. Baseando-se nas informações que lhe eram passadas por Luandino, ela contactava as famílias das vítimas, escrevia cartas a autoridades internacionais e encaminhava denúncias aos grupos ligados ao movimento de independência, com quem mantinha estreito contato.

Na segunda e terceira fase, o diário funcionará principalmente como *laboratório de escrita*. Nele, o autor recolherá casos, vocábulos e memórias que mais tarde serão aproveitados nos seus contos e novelas. Na prisão, Luandino escreveu parte significativa de sua produção ficcional. É interessante ver como vários dos enredos ou personagens que habitam essa parte do seu trabalho surgem antes, no diário. “A estória do ovo e da galinha”, um dos contos de *Luuanda*, também aparece em *Papéis da prisão* em diferentes graus de elaboração. O surgimento de João Vêncio, personagem que dá título ao único romance do autor, também pode ser acompanhada pelo leitor dos cadernos. Dentre as questões linguísticas, históricas e sociais que moldaram o pensamento por trás da obra de Luandino, discutidas em seus *Papéis*, a dificuldade de criar uma língua e uma literatura nacional no contexto da colonização portuguesa parece ser a mais importante. Aos moldes do que fez Guimarães Rosa no Brasil, Luandino queria reinventar o português a partir da mistura com o quimbundo e outras línguas indígenas. No diário, o leitor pode acompanhar as lutas e os dilemas que foram necessários para chegar a essa formulação e conseguir colocá-la em prática.

No diário, essas duas funções se conjugam em uma terceira que é a de *arquivar*. Na ânsia de juntar documentos e material literário, Luandino forma para si um grande e complexo arquivo dos anos que viveu na prisão. Nesse arquivo cabem tanto materiais escritos quanto não escritos e se vários deles servem a objetivos práticos, como tentamos mostrar, outros entram no

diário por razões puramente afetivas. É o que acontece, por exemplo, quando Luandino recorta e cola entre as páginas dos seus cadernos uma foto de Anne Frank achada no jornal do dia. Segundo ele, a famosa adolescente simplesmente lhe lembrou a sua própria esposa quando criança⁷.

Phillipe Lejeune explica que essa variedade e aleatoriedade de materiais é justamente uma das características do diário em sua origem. O diário – segundo Lejeune - é uma coleção de vestígios. Estes são geralmente manuscritos, mas podem também vir na forma de desenho, grafismo ou relíquia pessoal. É o caso dos objetos recolhidos no dia a dia, como flores e bilhetes, que são guardados junto à página como lembrança (LEJEUNE, 2014, p. 301). No mais das vezes, os vestígios de outras naturezas que não a escrita se perdem quando um diário vem a ser publicado. Por essa razão, Lejeune defende a hipótese de que o diário é como uma obra de arte, só existe em um exemplar único, aquele primeiro, composto e manuscrito por seu autor. Ora, na edição impressa de *Papéis da prisão*, os vestígios recolhidos pelo autor – como fotos, recortes de jornal, desenhos, cartas de autoria alheia, entre outros – foram extensamente contemplados em fotocópia. Além disso, o livro ilustra imagens das capas dos 17 cadernos utilizados por Luandino justamente com inúmeras fotocópias de páginas manuscritas cobertas pela letra do autor, que procuram recriar a ambiência do texto original. A sensação que temos é a de que a equipe editorial dos *Papéis da prisão*, que contou com assessoria do próprio Luandino Vieira, parece ter tido a intenção de recriar, na medida do possível, esse caráter de *coletânea de vestígios* que Lejeune identifica em todo diário.

O resultado é um arquivo que recupera por meio de traços individuais tudo aquilo que fez parte do mundo de Luandino Vieira quando preso. Nada do que acontecia sob suas vistas escapava ao lápis que copiava, desenhava, transcrevia ou à página que acolhia recortes, fotos, imagens. Não houve nenhum acontecimento, memória ou afeto que não pudesse ser guardado, ordenado e, mais tarde, compartilhado por meio dos cadernos primeiramente com Ermelinda e depois conosco.

Segundo Derrida, na origem, a palavra arquivo denominava a casa do *arconte*, aquele que guardava e interpretava leis. Nesse lugar eram armazenados os documentos das comunidades primitivas e era a partir do trabalho de interpretação desses papéis que os sujeitos

⁷ Com esse gesto tão espontâneo e afetivo, Luandino acaba por criar um sugestivo espelhamento: o dele mesmo com essa autora que foi uma das mais importantes diaristas a escrever de dentro de um regime de confinamento sob o julgo de um grande regime totalitário.

traçavam seus rumos, resolviam suas desavenças e planejavam o futuro. Daí, o arquivo ser sempre um lugar de autoridade:

Arkhê, lembremos, designa ao mesmo tempo o *começo* e o *comando*. Este nome coordena aparentemente dois princípios em um: o princípio da natureza ou da história, *ali onde* as coisas *começam* – princípio físico, histórico ou ontológico -, mas também o princípio da lei *ali onde* os homens e os deuses *comandam*, *ali onde* se exerce autoridade, ordem social, *nesse lugar* a partir do qual a *ordem* é dada – princípio nomológico (DERRIDA, 2001, p. 11, grifos do autor).

Os arquivos são então lugares que guardam os cânones e os valores de uma comunidade: registros civis, bibliotecas, tombos históricos e museus são bons exemplos disso. Todas essas instituições ligadas à função arquivística contêm informações que organizam e ordenam saberes ligados tanto ao presente – é o caso dos tabelionatos de bens – quanto ao passado – como os anais históricos.

Ora, no mundo que Luandino vivia e frequentava por ocasião da escrita do diário, ele também tinha suas informações arquivadas. Na comarca de Luanda, por exemplo, há uma ficha que enumera os supostos crimes que o escritor haveria cometido contra a pátria, descreve o processo e registra a sentença a que foi condenado. Junto com outros, esses papéis compunham um certo tipo de saber, uma visão de mundo, que estava a serviço, obviamente do colonialismo e do autoritarismo lusitano. Nossa hipótese final – e é com ela que queremos concluir esse texto - é que o diário se constitui como uma réplica a esse tipo de saber⁸. Se a autoridade dos arquivos estava ao lado dos dominadores portugueses, Luandino fará no diário um contra arquivo, contando uma versão diretamente oposta à história oficial que vigorava então. Assim, nos *Papéis da prisão*, os guerrilheiros do Movimento popular pela libertação de Angola (MPLA) não são traidores da Mãe-pátria⁹ – mas cidadãos de um outro país que está sendo construído junto mesmo com o livro que lemos. Os presos não são criminosos, a polícia que os tortura e encarcera é que o é.

A busca que o diário emprega – a da revisão de valores e da construção de uma nova história para si – é também a busca do próprio Luandino, que no decurso dos anos se reposiciona em relação ao mundo que o cerca e aos catálogos que dão conta da sua situação. Um episódio

⁸ Maria Rita Sigaud Pereira, (2009, p. 145) ao examinar produções literárias que têm origem nos cárceres brasileiros constata que frequentemente os textos de prisioneiros se constroem em direto diálogo com o discurso oficial que sobre eles se erige. Assim, é comum que nas ficções do cárcere apareçam termos jurídicos, jargões do mundo legal, números de códigos e artigos penais. Interessante notar que também nesse caso os arquivos oficiais são uma referência às quais os detentos se veem impelidos a responder com seus próprios textos e histórias.

⁹ A expressão nos foi inspirada pela sentença do próprio Luandino, que foi acusado de “intentar por meio violento ou fraudulento, separar a Mãe-Pátria ou entregar a país estrangeiro todo ou parte do território português” (RIBEIRO, VECCHI, 2005, p. 17).

ilustrativo nos vem à mente nesse sentido. Após da publicação de *Luuanda*, Luandino Vieira se torna um autor popular e sua história e situação passam a ser conhecidos do grande público. O escritor começa então a receber em Tarrafal um número significativo de cartas de associações, fãs e colegas escritores que se dirigem a ele pelo nome artístico que conhecemos. Ora, o diretor da prisão, não se sabe se de boa-fé ou não, simplesmente não lhe entrega esse material alegando desconhecer quem seja Luandino Vieira. Só meses depois, com a correspondência se acumulando, nosso protagonista terá a oportunidade de explicar às autoridades que a alcunha se refere a ele mesmo, José Vieira Mateus da Graça.

A confusão de nomes não é meramente anedótica, mas índice da profunda diferença que separa o mundo violento e ilegítimo do autoritarismo português, do universo de liberdade da escrita literária. Como tentamos mostrar aqui, ao invés de ceder ao deserto da vida prisional e se limitar a seu papel de ser matável¹⁰, Luandino criou para si uma riquíssima realidade simbólica que se materializa nas páginas dos seus cadernos. Mas se os valores oficiais da época não tinham lugar nessas linhas, frequentemente eles eram tomados como objeto de um acirrado diálogo. Assim, se na prisão o autor é identificado como cidadão português, no diário ele é angolano; e se o diretor insiste que seu nome é José Vieira Mateus da Graça, na capa do livro, ele assina Luandino Vieira. Se nos arquivos oficiais ele é condenado como traidor e terrorista, na escrita, ele pode responder com firmeza: sou escritor (VIEIRA, 2015, p.161).

Referências:

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*; tradução Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001.

LEJEUNE, Philippe. “Um diário todo seu”; “Como terminam os diários?”; “Compor um diário”; “Contínuo e descontínuo”. In *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Organização Jovita Maria Gerheim Noronha; Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014, p. 297-309, p. 310-326, p. 327-335, p.336-352.

¹⁰ Embora Luandino Vieira seja muito discreto a respeito das privações que experimentou nas muitas prisões pelas quais passou, sabemos por outras fontes que essas existiram em abundância. Uma dessas fontes é o testemunho de Antonio Cardoso dado à revista *Notícia* (Luanda, 1974). Cardoso foi, junto com Antonio Jacinto, um dos grandes companheiros de Luandino na prisão. Amigos, escritores e companheiros de agitação cultural, os três foram detidos na mesma ocasião e tiveram trajetórias bastante parecidas dentro do sistema prisional. O retrato que Cardoso nos dá da sua realidade durante os anos que passou detido é povoado de violências, fome e castigos arbitrários – o próprio Cardoso passou um ano em confinamento solitário por ter respondido mal ao diretor – e é justo acreditar que Luandino tenha tido experiências semelhantes, embora prefira não falar delas.

PEREIRA, Maria Rita Sigaud Soares. *Cada história, uma sentença: narrativas contemporâneas do cárcere brasileiro* 2009, 180 f. Tese (Doutorado em Letras) -- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

RIBEIRO, Margarida Calafate; VECCHI, Roberto. “Frágeis folhas”. In VIEIRA, José Luandino. *Papéis da prisão – apontamentos, diário, correspondência* (1962-1971). Organização Margarida Calafate Ribeiro, Mónica Silva, Roberto Vecchi. Lisboa: Caminho, 2015, p. 13-31.

VIEIRA, José Luandino. *Papéis da prisão – apontamentos, diário, correspondência* (1962-1971). Organização Margarida Calafate Ribeiro, Mónica Silva, Roberto Vecchi. Lisboa: Caminho, 2015.

Recebido em 1º de novembro de 2022.

Aprovado em 2 de janeiro de 2023.

Resumo/Abstract

A escrita e o arquivo: apresentando *Papéis da prisão*, de Luandino Vieira

Lisa Vasconcellos

Sob o título de *Papéis da prisão, apontamentos, diário, correspondência* (1962-1971) foi publicado em 2015 o conjunto de cadernos mantidos por Luandino Vieira durante os anos que passou encarcerado pelo regime salazarista. O livro se dá a ler como um diário íntimo, mas também inclui uma série de outros materiais: cartas, rascunhos, imagens, registros e documentos vários. O resultado é uma obra múltipla e fronteiriça, que desafia o leitor pelo seu tamanho e complexidade. No presente trabalho, tentamos propor uma leitura sobre essa obra, identificando algumas vias de entrada que nos guiem em meio a esse grande trabalho. Para isso, recorreremos às obras de Phillippe Lejeune (*O pacto autobiográfico*, 2014) e Jacques Derrida (*Mal de arquivo: uma impressão freudiana*, 2001). Nosso objetivo é constatar como Luandino constrói na literatura um lugar de resistência e mudança pessoal que ressignifica a experiência carcerária.

Palavras-chave: *Papéis da prisão*, Luandino Vieira, diário, arquivo.

Writing and presenting *Papéis da prisão*, by Luandino Vieira

Lisa Vasconcellos

In 2015, a group of 17 notebooks that were kept by the writer Luandino Vieira during his prison years was published under the name *Papéis da prisão, apontamentos, diário, correspondência* (1962-1971). The book can be read as a personal journal, but it also includes a variety of other materials: letters, drafts, images, records and documents. The result a multiple and heterogeneous work, that challenges the reader because of its size and complexities. In this article, we read this work proposing some guide lines that may help to approach Luandino's *opus*. To that end, we use as reference works by Phillippe Lejeune (*O pacto autobiográfico*, 2014) and Jacques Derrida (*Archive fever: a Freudian impression*, 1995). Our purpose is to understand how Luandino erects literature as space of resistance and personal change that gives new meaning to his imprisonment experience.

Keywords: *Papéis da prisão*, Luandino Vieira, journal, archive.